

## Grupos de Reflexão para Mulheres que Sofreram Violência Doméstica: um estudo de campo

*Grupos de Reflexión para Mujeres que han Sufrido Violencia Doméstica: un estudio de campo*

*Reflection Groups for Women who have Suffered Domestic Violence: a field research*

**Elza Beatriz Barros de Paiva**  
**Julio Cesar Pinto de Souza**

**Resumo:** A violência doméstica contra a mulher é um fenômeno de caráter sócio-histórico que deixa inúmeras sequelas, e as de cunho psicológico são as que os grupos de reflexão são voltados à enfrentar mais diretamente, proporcionando um espaço de acolhida, de informação e de partilha de experiências. Este trabalho tem como objetivo geral compreender a atuação dos grupos de reflexão no empoderamento de vítimas de violência doméstica e as mudanças ocorridas nas mesmas, em razão do grupo. A pesquisa é de abordagem qualitativa, de caráter descritivo e de campo. Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada e a observação participante.

**Palavras-chave:** Violência doméstica. Violência de gênero. Grupos de reflexão.

**Resumen:** La violencia intrafamiliar contra las mujeres es un fenómeno de carácter sociohistórico, que deja innumerables secuelas, y las de carácter psicológico son las que los grupos de reflexión se dirigen a afrontar de forma más directa, brindando un espacio de acogida, información y compartir experiencias. Este trabajo tiene como objetivo general comprender el papel de los grupos de reflexión en el empoderamiento de las víctimas de violencia intrafamiliar y los cambios que se han producido en ellos, debido al grupo. La investigación tiene un enfoque cualitativo, descriptivo y de campo. Los instrumentos utilizados fueron entrevistas semiestructuradas y observación participante.

**Palabras clave:** Violencia intrafamiliar. La violencia de género. Grupos de reflexión.

**Abstract:** The domestic violence against women is a phenomenon of a social-historical character that leaves numerous sequels, and those of a psychological nature are the ones that the reflection group are focused on face more directly, providing a space for welcoming, information and sharing experiences. Therefore, this work has as a main objective understand the acting of reflections groups in the empowerment of domestic violence victims and the changes occurred on these people due to the group. The survey is of a qualitative approach with a descriptive character and a study field survey. The instruments used were the semi-structured interview and participatory observation.

**Keywords:** Domestic violence. Gender violence. Reflection groups.

**Elza Beatriz Barros de Paiva** – Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário FAMETRO; Mestranda em Processos Psicológicos e Saúde pela Universidade Federal do Amazonas (2021-2022). E-mail: [elzabeatrizbarros@gmail.com](mailto:elzabeatrizbarros@gmail.com)

**Julio Cesar Pinto de Souza** – Graduado em psicologia clinica pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), especialista em psicologia do esporte (Faculdades Integradas -Brasília/DF) e Mestre em psicologia (linha psicossocial) pela UFAM. E-mail: [cmte01@yahoo.com.br](mailto:cmte01@yahoo.com.br)

“No patriarcado, o destino das mulheres é a violência”  
(Márcia Tiburi, 2020, p. 32)

## INTRODUÇÃO

A violência doméstica contra a mulher é um assunto de grande relevância no cenário mundial, tendo em vista que ainda há um longo caminho a ser percorrido para a erradicação deste tipo de violência, pois os números de casos continuam a crescer e é notável a necessidade de mais informação e apoio a essas vítimas (OPAS; OMS, 2017).

Ainda que a realidade siga sendo árdua para essas mulheres, inúmeros feitos visando a minimização da violência e a proteção das mesmas já foram alcançados. No Brasil, um dos dispositivos que mais fizeram diferença nesse cenário foi a Lei nº 11.340/2006, popularmente conhecida como Lei Maria da Penha, que estabelece condições mais favoráveis para as vítimas e punições mais céleres e justas para os agressores. Isto porque, antes da existência da referida lei, os crimes de violência contra a mulher eram, em sua maioria, considerados pelo sistema judiciário brasileiro como crimes de menor potencial ofensivo, o que implicava em penas irrisórias para os agressores que consistiam em no máximo 2 anos de restrição de liberdade ou ainda poderiam ser cumpridas com trabalhos comunitários, fornecimento de cestas básicas, dentre outros. Somente a partir da referida lei é que crimes de violência contra a mulher começaram a ser oficialmente encarados como grave violação dos direitos humanos e não mais passíveis de impunidade penal (MENEGBEL, *et al* 2013).

É ainda importante ressaltar que a Lei Maria da Penha surgiu a partir de um histórico de dor e sofrimento de Maria da Penha Maia Fernandes, farmacêutica que sofreu nas mãos do marido e ficou paraplégica após duas tentativas de feminicídio pela parte do mesmo. Os crimes ocorreram em 1983 e o agressor só foi julgado pela primeira vez em 1991, 8 anos depois, e não cumpriu a sentença. Em 1998, o caso ganhou visibilidade internacional, e, mesmo assim, o sistema judiciário permaneceu omissivo. Somente a partir de repreensões feitas ao Brasil pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos e de o país ter sido acusado de negligência e omissão com relação à violência contra as mulheres, é que medidas jurídicas e legais começaram a ser efetivadas. Em 2006, 23 anos depois de Maria da Penha ter sido mantida em cárcere privado pelo marido e ter recebido um tiro nas costas enquanto dormia, é que a Lei nº 11.340/2006 foi promulgada (Instituto Maria da Penha, 2020).

Maria da Penha representa inúmeras mulheres que foram violentadas e oprimidas sem punição a seus agressores e sem que o Estado oferecesse oportunidades de que saíssem dessa realidade. Foi também graças a outras mulheres participantes dos Movimentos Feministas, que ganharam força no Brasil na década de 1970, que essas e outras conquistas puderam ser alcançadas. Esses movimentos colocaram em discussão a violência contra a mulher, demonstrando que a mesma possui sólidas raízes no patriarcado, sistema opressor de minorias, que desampara mulheres brancas, negras, indígenas, trans e a população LGBTQ+, assim como quaisquer outros que não se encaixem na normatividade cisheteropatriarcal (MENEGBEL, *et al* 2013).

De acordo com Meneghel (2013), a Lei Maria da Penha tem, em sua fundação, características basilares postuladas na Convenção da ONU sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher (1979) e também na Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher (1994), também conhecida como Convenção de Belém do Pará. Tais eventos foram grandes marcos para a criação de dispositivos de proteção contra as mulheres que pudessem coibir a violência e ampliar os serviços jurídicos e de saúde para as vítimas.

O presente artigo delimitará a discussão para a violência que ocorre no âmbito intrafamiliar. Esse tipo de violência se manifesta de diversas formas: física, psicológica, moral, financeira/patrimonial e sexual. É compreendido como um fenômeno social e cultural, que está diretamente relacionado à violência de gênero e ao caráter histórico do machismo e do preconceito contra as mulheres. Tendo em vista que, há cerca de um século, as mulheres ainda eram consideradas propriedades de seus maridos e estes tinham o direito legal de puni-las quando achassem necessário. A partir destes constructos sociais, o cenário atual de violência doméstica contra a mulher se formou e continua a ser perpetuado e passado através das gerações, fazendo com que boa parte dessas vítimas se enxerguem como submissas aos seus companheiros e cônjuges, e aceitem os maus tratos como parte de seu papel como mulheres (PURIFICAÇÃO, *et al.*, 2017).

A relação de intimidade que elas possuem com esses mesmos companheiros acaba constituindo situações propícias para que se tornem dependentes, sejam chantageadas, humilhadas, dentre outros comportamentos que caracterizam a violência psicológica, e que estas mulheres, seja por falta de informação ou por perceberem a si mesmas como submissas e merecedoras desse tratamento, não tenham a compreensão de que estão passando por um tipo de violência, que é a psicológica, espécie essa que deixa marcas profundas e mais duradouras do que as demais, e que também é, muitas vezes, a causadora da permanência das mulheres nesses relacionamentos, já que é criada uma dependência, sua autoestima é afetada, dentre outras graves consequências. Tal relação de intimidade e afeto, dentro do espaço doméstico, acaba sendo a principal fonte de manutenção do poder que o homem detém nesses relacionamentos abusivos que escancaram de modo contundente as desigualdades de gênero perpetuadas pelo patriarcado, sistema de opressão atuante na sociedade contemporânea e que possui como base o discurso machista de dominação às mulheres, diminuindo-as enquanto seres humanos e perpetrando violências e silenciamentos que perpassam todos os espaços sociais (públicos e privados), políticos e institucionais (CLARK, *et al.*, 2018; NARVAZ, KOLLER, 2006).

Os grupos de reflexão, em âmbito mundial, foram criados nos anos 70, tendo seu desenvolvimento ocorrido primordialmente por grupos de mulheres feministas. Constituídos com o intuito de fornecer apoio, visam intervir principalmente nas consequências psicológicas da violência doméstica, criando um ambiente confortável, de troca e partilha de experiências, socialização e validação das vivências (OLIVEIRA, 2017).

Dito isso, o presente trabalho buscou investigar a temática relacionada a esses grupos de reflexão para mulheres que sofreram violência doméstica e as mudanças que os mesmos acarretaram na percepção dessas mulheres sobre si mesmas, suas relações e seu espaço dentro de uma sociedade machista.

Esta pesquisa teve como objetivo geral compreender a atuação dos grupos de reflexão no empoderamento de vítimas de violência doméstica e as mudanças ocorridas nas mesmas, em razão do grupo. Foi delineado como objetivos específicos: 1) Investigar a forma de atuação dos grupos de reflexão nesse tipo de intervenção e como a metodologia utilizada contribui para o enfrentamento da violência e suas consequências; 2) Identificar a percepção das vítimas em relação ao grupo terapêutico e as mudanças que perceberam em si mesmas em razão do grupo; 3) Investigar a percepção da psicologia quanto aos grupos terapêuticos direcionados às vítimas de violência doméstica.

Dentro desse contexto, a psicologia tem um papel fundamental ao realizar grupos de reflexão ou terapêuticos com essas mulheres. Por isso, faz-se relevante investigar os aspectos que são modi-

ficados através desses grupos, levando em conta as perspectivas relacional e social dessas mulheres. Tendo em vista que há constructos sociais envolvidos, como o preconceito de gênero que atua como precursor não só dos episódios de violência, mas de toda a concepção da relação, tanto pela parte da vítima quanto pelo agressor.

## 1. Percorso Metodológico

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa. Segundo Minayo (2017), a abordagem qualitativa ressalta a expressividade do fenômeno, os aspectos que vão caracterizar suas particularidades; nas palavras da autora

Trabalha muito menos preocupada com os aspectos que se repetem e muito mais atenta com sua dimensão sociocultural que se expressa por meio de crenças, valores, opiniões, representações, formas de relação, simbologias, usos, costumes, comportamentos e práticas (MINAYO, 2017, p. 2).

Os instrumentos utilizados foram a entrevista semiestruturada e a observação participante. Segundo Cunha (2007), a entrevista é um composto de técnicas que permitem, por meio da conversação, coletar dados acerca do entrevistado. Na entrevista semiestruturada, o entrevistador conduz o diálogo e já sabe precisamente o tipo de informação que deseja reunir, assim como a sequência que fará as perguntas e também a forma como as elaborará ao entrevistado. A análise das mesmas também seguirá um padrão e critérios já previamente dispostos pelo entrevistador.

Observação participante é um método utilizado com o objetivo de permitir que o observador compreenda como se dá determinada situação em seu ambiente natural, e, a partir desta relação direta com os participantes, ele realiza a coleta de dados (MINAYO, 2014).

Para auxílio na observação participante, foi utilizado o Diário de Campo, instrumento que consiste em um caderno de notas do que o pesquisador observou durante os encontros (MINAYO, 2014).

Para que ocorresse a coleta de dados, primeiramente fez-se o contato inicial com o Centro Estadual de Referência e Apoio à Mulher (CREAM), instituição onde ocorreu a pesquisa. Após a mesma assinar o Termo de Anuência, o pré-projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e, após a aprovação com o parecer de número 3.912.514., a pesquisadora fez um segundo contato com o local e em seguida iniciou a coleta de dados.

A análise dos dados foi feita por meio de Análise do Discurso de Orlandi (2005). Essa tipologia consiste na análise não só da fala do entrevistado, mas também do comportamento como um todo no momento da entrevista, integrando sua linguagem corporal, expressões faciais, etc. Para esta análise, o contexto histórico e social no qual o indivíduo está inserido irá manifestar-se em seus enunciados, revelando suas crenças, preconceitos e ideologias, e somente a partir dele é que poderá ser atribuído sentido à fala.

Nesta tipologia de análise, a linguagem utilizada é essencial, e pode-se ressaltar a esse respeito que a linguagem não é neutra. Nota-se, ao longo dos anos e das modificações nos discursos, que os mesmos sempre foram e permanecem sexistas, dotados de estigmas que enquadram o masculino como a generalização, enquanto o feminino não é usado como a leitura do todo (SCARDUELI, 2012).

Participaram da pesquisa mulheres voluntárias que faziam parte do grupo de reflexão por pelo menos um mês, que ocorre no CREAM, voltado ao enfrentamento das consequências da violência doméstica. A população pretendida inicialmente era de 12 mulheres. No entanto, na data prevista para a coleta de dados (segundo semestre de 2020), devido à pandemia da Covid-19, o grupo foi reduzido e muitas mulheres não puderam participar, tendo, assim, a amostra reduzida a 4 mulheres. Quanto à população de psicólogos a serem entrevistados, inicialmente pretendeu-se entrevistar dois psicólogos: responsável pelo grupo e a assistente e/ou estagiária. A meta foi atingida e ambas as profissionais foram entrevistadas.

Foram respeitadas todas as normas previstas na Resolução N° 466 de 12 de Dezembro de 2012, e as voluntárias só participaram da pesquisa após concordarem expressamente com a mesma, através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A fim de preservar a confidencialidade e o sigilo, as participantes da pesquisa foram designadas a partir das iniciais de seus nomes.

## **2. Análise e Discussão dos Dados**

Inicialmente, foi realizada a observação participante, que permitiu com que a pesquisadora atestasse a resposta positiva das participantes em relação ao grupo. Todas as mais assíduas demonstram gratidão e dizem ter passado por transformações positivas desde que ingressaram no mesmo. Por outro lado, muitas faltam e deixam de ir às sessões, por motivos que a psicóloga responsável pelo grupo não soube informar com precisão. Essas ausências prejudicam a eficácia da resposta ao grupo.

Após o término de cada sessão, a pesquisadora realizou uma entrevista individual com uma participante voluntária por vez.

### **2.1. Entrevista com as Participantes**

A entrevista com as participantes foi composta de 7 perguntas norteadoras e, nos momentos que achou necessário, a pesquisadora fez perguntas complementares a fim de ter um melhor esclarecimento acerca do que foi respondido. As perguntas foram transformadas em tópicos que serão analisados e discutidos a seguir, englobando também na análise as observações feitas.

#### **2.1.1. Entendimento acerca do Machismo**

Quando as participantes foram questionadas acerca de seu entendimento sobre o machismo, quatro responderam que era um conceito que podia ser entendido como sinônimo de egoísmo. Três das quatro falaram que dizia respeito a alguém egocêntrico, que “gosta de ser o centro das atenções” e que quer que “tudo seja sobre ele”, como pode-se ver no trecho transcrito de uma das participantes: “Homens que gostam de ser o centro das atenções, com pensamentos e ações voltados apenas para eles mesmos” (R.W.).

Apenas uma disse que machismo lhe trazia a ideia de submissão forçada, como transcrito em sua fala:

Quem é machista rebaixa as mulheres, faz com que elas sejam submissas e aceitem somente o que eles querem, se impondo. Não respeita a vontade das

mulheres, a senhora concorda? Também não respeita os direitos delas, né? E forçam as mulheres a agir do jeito que eles querem (R. B.)

Essa pergunta foi incluída na entrevista como forma de rastreamento acerca da percepção dessas mulheres sobre o machismo e a sociedade patriarcal em que estão inseridas, tendo em vista que esse contexto influencia diretamente na violência doméstica, que pode também ser compreendida como violência de gênero (OLIVEIRA; GOMES; VERAS, 2019).

O fato de todas as entrevistadas entenderem o machismo como um homem egoísta evidencia alguns pontos do funcionamento do patriarcado, como questões relacionadas à heteronormatividade que dita como os relacionamentos devem funcionar, e um dos aspectos é o doméstico, onde as mulheres são ensinadas e treinadas a servir e agradar aos homens, que detém o poder. As mulheres já nascem sendo ensinadas e iniciadas nos trabalhos domésticos, sem qualquer tipo de remuneração, um trabalho que, como ressalta Tiburi (2020), é muito similar à servidão, e que movimenta a economia do país, embora não seja sequer reconhecido como um trabalho. Outro aspecto que pode ser ressaltado acerca da resposta dada pelas entrevistadas é o das relações sexuais. Uma sociedade que aplaude as demonstrações de sexualidade quando vindas do homem, e julgam negativas quando vindas das mulheres. Analisando-se o ato sexual em si, percebe-se que as relações sexuais heterossexuais, em sua maioria, acontecem de acordo com a vontade do homem, o ato tendo início e fim de acordo com as necessidades dele, e as mulheres, principalmente em um contexto familiar abusivo, acabam por normalizar essa prática, muitas vezes sofrendo violência sexual (WOLFF; SALDANHA, 2015).

A entrevistada R. B., que compreende o machismo como encorajador da submissão forçada das mulheres, em sua fala (transcrita acima), buscava validação da entrevistadora, sempre terminando suas sentenças com “né” ou “a senhora concorda”? O comportamento da entrevistada pode remeter a certo desconforto ao abordar o tópico, assim como a uma busca por validação em sua fala, quando pergunta constantemente à entrevistadora se ela concorda. Em uma das sessões do grupo de reflexão, R.B. compartilhou que estava separada de seu companheiro, com quem tem filhos, há cerca de um mês. A recente separação, e, por consequente, a recente quebra do ciclo de violência, pode vir a justificar seu comportamento mais ansioso e inquieto quando convidada a falar sobre o assunto. Segundo Minayo (2005), dentro de um relacionamento conjugal, os homens, para reforçar a imagem de masculinidade que lhes é cultural e socialmente exigida, agem frequentemente com o intuito de aplicar castigos em suas companheiras, violentando-as psicológica e fisicamente, e transformam essas ações em “atos de correção”, logo, esse comportamento também é estendido para as filhas. O comportamento violento, para eles, é explicado pelo fato de que as mulheres não atendem suas expectativas, deixando de comportar-se da maneira que gostariam, e, portanto, não sendo submissas. A mulher, nestes casos, acaba carregando a culpa pela própria violência que sofre.

### 2.1.2. De que Forma o Machismo Interfere nas Relações

Quando questionadas se o machismo interfere ou não em suas relações, duas responderam que não interfere. A entrevistadora, então, perguntou o porquê da resposta negativa de ambas. R. W. respondeu que o machismo não interferiu em suas relações pois não era o motivo de ela estar ali, e sim a violência que a fez denunciar o companheiro e em seguida ser encaminhada da Delegacia da Mulher para o CREAM. V. S. respondeu que o machismo não a afetava diretamente, já que ela

estava no grupo pela violência que sua filha sofreu do marido, e ela do genro, e não de seu próprio marido. As outras duas entrevistadas, R. B. e R. C., afirmaram que o machismo interfere em suas relações, pois ele é responsável pela falta de empatia e agressividade. “Interfere. O machismo transforma as relações, deixa elas agressivas, deixando marcas e muitas vezes nunca mais voltando a ser as mesmas” (R.B.).

As respostas de R. W. e V. S. explicitam a falta de conhecimento acerca de todas as implicações do machismo que fizeram com que a trajetória histórica das mulheres fosse repleta de vulnerabilidades e abusos, e de suas ligações diretas com a violência de gênero e, por consequente, a doméstica. As participantes não percebem essa interligação justamente porque o patriarcado cria mulheres e homens com a visão hierarquizada dos gêneros. Hierarquia essa que coloca o poder hegemônico nas mãos dos homens cis, heterossexuais e brancos. Assim, o funcionamento social ocorre a partir das particularidades destes homens, preenchendo suas necessidades e subalternizando quaisquer outros gêneros, raças e classes que não se encaixem na normatização cisheteropatriarcal (SOUZA, SILVA, ABREU, 2017). O patriarcado, portando, está arraigado em todas as esferas sociais, ocupando, inclusive, espaço para se proliferar nas ações não só de homens, mas também de mulheres que desconhecem a amplitude dos mecanismos que compõem este sistema e todas suas ramificações, que se manifestam diretamente nas opressões sofridas por essas mulheres que são engolidas por ele. O patriarcado, em sua complexidade, reforça e reproduz as desigualdades de gênero, violentando e oprimindo as mulheres, mas está tão profundamente enraizado na cultura e na sociedade que consegue fazer com que as mulheres entendem que esse lugar de submissão é o lugar ao qual pertencem (NARVAZ, KOLLER, 2006).

### **2.1.3. Mudanças no Modo como Entende seu Lugar nas Relações e na Sociedade Ocorridas Após a Entrada no Grupo**

Três das quatro entrevistadas afirmaram ter modificado sua autopercepção e também o modo como enxergavam seus papéis após ingressarem no grupo de reflexão, como exemplificado no trecho:

[...] Agora me percebo de maneira diferente, sei me impor mais, estou buscando minha independência em todos os lugares da minha vida. Percebo que as pessoas me olham de forma diferente, com respeito, sinto que me levam mais a sério (R.C.)

E as quatro responderam que modificaram seu modo de se auto afirmar em suas relações, percebendo maior independência e autonomia:

Muita coisa mudou, antes eu vivia no automático, sem perspectiva de algo melhor, de uma evolução. Agora eu consigo demonstrar minhas vontades, quando estou insatisfeita com algo eu falo, estou mais determinada (R.W.)

Durante as sessões, foi observado no discurso de cada uma delas grande determinação em mudar o modo como se portavam na sociedade, seus papéis e também questões relacionadas à educação. Três das quatro participantes, durante as sessões do grupo, demonstraram a vontade de continuar a graduação ou iniciar uma, para que pudessem se aperfeiçoar e ter maior independência

financeira. Durante uma das sessões, foi aplicada uma dinâmica de grupo que tinha por objetivo ampliar as perspectivas futuras das participantes, e R.W. compartilhou seus planos de voltar à faculdade, trabalhar mais e comprar um veículo próprio.

Em uma pesquisa feita por Ramos e Oltramari (2010), observou-se que as mulheres participantes do grupo de reflexão estudado por eles relataram possuir medo de enfrentar alguns problemas práticos da vida que o cônjuge geralmente era responsável, como situações relativas a cuidados básicos e de saúde e segurança financeira. E também questões mais subjetivas, como o medo de ficarem sozinhas caso pusessem um fim ao relacionamento. Essas questões fazem com que essas mulheres não assumam posições de autonomia e independência dentro da relação e, de modo geral, em suas vidas. E o grupo de reflexão as auxilia a se auto afirmar dentro dessas relações abusivas, reconhecendo suas potencialidades, seus direitos, e esse é um grande passo para que haja a quebra do ciclo de violência. Tal como no grupo de reflexão sediado no CREAM, acompanhado neste trabalho, as vivências proporcionaram às mulheres uma nova forma de pensar, agir e se perceber diante de suas relações.

#### 2.1.4. Entendimento a Respeito do Grupo

Três das quatro entrevistadas relataram enxergar o grupo como um espaço de empatia e solidariedade. R. C. relatou: “Para mim aqui o grupo nos faz ajudar o próximo, ver que quem participa está passando pelo mesmo que eu, e que além de me ajudar, eu também posso ajudar elas[...]”

A invisibilidade e o preconceito social com mulheres que sofrem violência doméstica é duplamente maior, isto porque muitos não conseguem compreender a complexidade destes tipos de relações abusivas, que envolvem afetos e confiança, e, portanto, dificultam sobremaneira na quebra do ciclo de violência. Conhecer realidades semelhantes, principalmente de mulheres que já quebraram esse ciclo de violência e se libertaram, saber que não se está só, conscientizar-se de que seus medos e aflições são reais, faz com que se sintam acolhidas, estimadas, e afeta diretamente na autossuficiência e empoderamento (MATOS, MACHADO, 2011).

Durante uma das sessões, V.S., que participa do grupo por ter sofrido violência de seu genitor quando foi resgatar a filha do relacionamento abusivo, compartilhou que continuaria a tentar trazer a filha para o grupo, pois a mesma se recusava a participar. Em seu relato, ela disse que não desistiria da filha. R.W. se emocionou e parabenizou V.S. por ser uma mãe determinada, relatando, em seguida, que havia perdido a mãe recentemente, e que não havia se recuperado da perda. Essas interações corroboram com os pontos de vistas das participantes, de que o grupo é um espaço que promove empatia, gratidão e sororidade entre as mulheres.

O termo sororidade está aparecendo cada vez mais em meio à luta feminista, que tem como uma das principais questões o combate à violência doméstica, que pode também ser compreendida, se considerarmos o contexto sociocultural vigente, como violência de gênero. Esse termo surgiu da palavra em latim *sóror*, que significa “irmã”. No entanto, o feminismo entende sororidade como algo ainda maior do que a irmandade entre as mulheres, o termo também remete ao não julgar, ao tentar entender as lutas individuais femininas e suas reivindicações (WOLFF, 2020). Nesse prisma, verifica-se a necessidade de mais sororidade para com as mulheres que sofrem violência doméstica, pois o preconceito é permeado geralmente pelo pensamento de que essas mulheres não saem dos relacionamentos abusivos porque não querem, e, como já

exposto, esse tipo de violência carrega complexidades muito maiores do que essa visão simplista e preconceituosa.

Um outro aspecto que foi ressaltado na fala da participante R.B. foi em relação ao conforto e acolhimento que o espaço proporciona. Em sua fala: “Entendo o grupo como um espaço que me deixa confortável para ser eu mesma. Eu consigo falar coisas que não consigo falar para outras pessoas [...]”. Sua fala demonstra que o espaço cumpre seu propósito de acolhimento. A própria sala onde o grupo ocorre é cuidadosamente arrumada para o conforto das participantes. Almofadas são dispostas em um grande círculo no chão, em cima de um tapete confortável, a temperatura do ar condicionado é verificada para que o clima seja ameno e as participantes ficam descalças. Todo o ambiente é pensado com o objetivo de trazer um maior conforto para as mulheres, mostrando que ali podem ficar à vontade, despir-se de seus medos e preconceitos.

A troca de vivências, o acolhimento, as psicoeducações acabam por fazer com que o grupo, apesar de não ser terapêutico, tenha efeitos terapêuticos nas participantes. O desenvolvimento da autoestima, empatia e solidariedade são alguns desses efeitos. A fala de R. W., que caracterizou o grupo como um espaço de autoconhecimento, corrobora isso: “Eu vejo o grupo como uma forma de me entender, de aprender a lidar comigo mesma e com as outras pessoas que estão vivendo a mesma coisa que eu”. Isso ocorre porque o grupo impulsiona as participantes a refletirem sobre os eventos traumáticos de sua vida, e também sobre seus cotidianos de modo geral, essa reflexão coletiva é uma fonte rica para se chegar a uma compreensão mais profunda de si (RAMOS; OLTRAMARI, 2010).

### **2.1.5. Mudanças Percebidas em si Mesmas e nas Relações Desde o Primeiro Contato com o Grupo**

Três das quatro entrevistadas afirmaram que possuem mais amor próprio, sinalizando um aumento na autoestima e também na autovalorização como uma das principais mudanças percebidas desde o primeiro contato com o grupo. Em suas palavras:

Desde que entrei no grupo me sinto mais confortável não só para conversar e falar sobre assuntos que antes eu nunca pensei que poderia compartilhar com outra pessoa, mas também confortável comigo mesma, com o meu corpo (R.B.)

Em sua fala, R.B. evidencia a evolução positiva em sua autoestima não só pelos encontros no grupo de reflexão, mas também no CREAM em si. Na percepção da pesquisadora, isso se dá porque o grupo foca bastante no empoderamento feminino, e o próprio espaço físico do CREAM corrobora para isso. Espalhado pelas paredes do Centro, há inúmeros cartazes que motivam as mulheres a se aceitarem como são, a não seguirem padrões estéticos de beleza, a respeitarem-se. O ambiente em si é de conforto e aceitação, o que é primordial para a reestruturação no modo como essas mulheres se enxergam em seus relacionamentos.

É de grande importância ressaltar que uma das consequências da violência doméstica contra a mulher é a perda da autoestima, dentre outras disfuncionalidades na autoimagem e no autoconceito. No geral, as mulheres perdem a voz ativa na relação e tendem a tornar-se mais dependentes dos companheiros, seja por aspectos práticos como o financeiro, ou aspectos emocionais, como a baixa autoestima (SILVA, *et al.*, 2019; OLIVER, *et al.*, 2014).

Duas das entrevistadas apontaram o desenvolvimento da empatia como mudanças percebidas em si mesmas desde que ingressaram no grupo reflexivo, como indicado na fala a seguir: “Me fez perceber que eu sou mais do que só uma vítima. E também me fez enxergar a vida do próximo como algo mais valioso, pois eu vejo que muitas mulheres passam pelo mesmo que eu passei” (R.C.).

A empatia e o altruísmo são funções metacognitivas avançadas que, se cultivadas frequentemente, aumentam as chances de o indivíduo desenvolver-se melhor nos níveis intrapessoal e interpessoal, pois afetam diretamente nas habilidades em lidar com conflitos, em gerir relações e metas (KNAKIEVICZ, 2014).

Além da empatia com relação às outras participantes do grupo, também há casos como o de V.S., que desenvolveu maior empatia e amor à sua filha, vítima de violência doméstica, a quem V.S. auxilia dando suporte emocional e financeiro. Seus aprendizados no grupo refletem diretamente na sua relação com sua filha.

Eu valorizo muito mais as mulheres e as vontades delas. Tento falar todos os dias para minha filha que ela precisa se colocar em primeiro lugar, depois pensar no resto. Ela só vai conseguir deixar bem a vida dela, se ela estiver bem e se ter como prioridade. Eu aprendi que eu, meus filhos e netos somos as prioridades sempre (V.S.)

### 2.1.6. Modo que o grupo Ajudou no Enfrentamento da Violência e de Suas Consequências

Neste quesito, cada uma das entrevistadas teve uma resposta diferente. O que mostra que, apesar de as participantes estarem no grupo por conta de um denominador comum (terem sido vítimas de violência doméstica), cada uma enxerga a atuação do grupo reflexivo de modo subjetivo.

R.C. ressaltou que o grupo a ajudou no enfrentamento pois aumentou sua capacidade de se autoafirmar e a fez conhecer suas próprias capacidades, como exemplificado no seguinte trecho: “Me ensinou a não ter medo, a conhecer meus direitos, minhas forças. Do que eu sou capaz[...]”. Durante as sessões, R.C. demonstrou uma atitude ativa, embora ainda bastante revoltava ao falar sobre o relacionamento abusivo que passou, mostra estar determinada a traçar metas para seu futuro, que irão fazê-la alcançar a independência completa, sem precisar ser submissa a ninguém.

Em um outro estudo realizado com mulheres que sofreram violência doméstica, notou-se que as mesmas encontram-se em uma posição passiva dentro do relacionamento, sem conhecer suas capacidades, e sentem-se vulneráveis e suscetíveis às vontades do companheiro. Isso, segundo elas, se dá pelo machismo incrustado na sociedade, por receio de serem estigmatizadas como mulheres divorciadas e pela ausência de apoio social e familiar. O relato de que, após o grupo, houve uma mudança nas crenças de vulnerabilidade e submissão infere que o grupo possibilita a quebra e a desmistificação de um pensamento baseado em uma lógica patriarcal e o entendimento de que a violência é um fenômeno cultural, e que, assim como iniciou, também pode ser desfeito (PARENTE; NASCIMENTO; VIEIRA, 2009).

R. W., em resposta à mesma pergunta, afirmou que o grupo ajudou no aumento de sua autoestima e também na construção de metas e planejamentos futuros, dentre esses, voltar a estudar e, futuramente, terminar sua graduação. A participante relatou, durante uma das sessões grupais, que, antes de ingressar no grupo, não possuía planos para o futuro, pois estava abalada demais com os acontecimentos recentes em seu relacionamento. O planejamento e o traçar de metas são fundamentais para que a mulher consiga estabelecer um maior equilíbrio nas áreas de sua vida,

como a financeira, por exemplo. Através do planejamento, a mulher estará se autoafirmando como protagonista de sua vida e também estará muito mais próxima de não depender financeiramente do parceiro, cenário esse que consiste em um dos motivos pelos quais as mulheres hesitam em deixar seus parceiros, principalmente quando o casal tem filhos (GOMES, *et al.* 2012).

V. S. relatou que o grupo aumentou o sentimento de autovalorização e também sua fé e gratidão. Sua resposta foi: “Me ajudou a me valorizar mais e ver que posso viver mais e que só Deus e essas pessoas dedicadas (Psicólogas) que podem nos ajudar. Pessoas que se importam e estão dispostas. Sou muito grata a elas”. Notou-se bastante emoção em sua fala ao referir-se às psicólogas mediadoras do grupo, e, mais tarde, em uma conversa informal, também à psicóloga infantil responsável pela ludoterapia com seus netos. Chamou-as de “profissionais iluminadas”.

A espiritualidade, quando bem trabalhada, é uma ferramenta fundamental para qualquer indivíduo, e uma mulher que está saindo de uma situação de violência doméstica tem muito a ganhar quando desenvolve esse aspecto subjetivo de si. Essa espiritualidade pode aumentar seus momentos de reflexão, seu amor próprio e o amor para com outras pessoas que a tratam bem em sua vida, pode aumentar seu autoconhecimento, a esperança de um bom futuro, sua empatia e gratidão. Todas essas são habilidades interpessoais fundamentais para que mulheres e homens lidem bem com as suas emoções e tome a dianteira nas ações que pretendem empreender em suas vidas (REGINATO; BENEDETTO; GALLIAN, 2016).

R.B., ainda a respeito dos pontos em que o grupo reflexivo veio auxiliar no enfrentamento da violência doméstica, respondeu:

O grupo me ajudou a enfrentar as consequências do que eu sofri porque me deixou confortável para que eu falasse coisas que estavam presas, entaladas, que me faziam mal, que me deixavam triste, angustiada, com um aperto no peito. Com o grupo, eu consegui tirar todas essas coisas, foi um alívio (R.B.)

Durante as sessões no grupo, R.B. mostrou-se à vontade para compartilhar suas vivências, expressando seu conforto em saber que as participantes do grupo e as profissionais não iriam proferir nenhum julgamento de valor, e por isso ela disse se sentir confortável o suficiente para expressar-se livremente. Também evidenciou-se não só nos discursos e comportamentos de R.B., mas também das demais participantes durante a sessão, que o ambiente era visto como um ambiente de segurança, equilíbrio e estabilidade, algo que em seus lares – principalmente para R.W., que ainda não havia rompido o relacionamento – estavam em falta. Aspectos esses que devem prevalecer em um ambiente familiar saudável (SULSBACH, 2018).

Sua resposta também mostra a importância de ter pessoas confiáveis com quem compartilhar suas experiências, seus pensamentos e planos para o futuro. Expressar-se verbalmente, de forma livre, é uma conhecida estratégia de enfrentamento contra as consequências da violência doméstica. Caracterizando-se como um recurso externo de enfrentamento (SULSBACH, 2018).

### **2.1.7. Sugestões de Mudanças e/ou Apontamentos com Relação à Metodologia Utilizada no Grupo**

Sobre o tópico de sugestões e mudanças na metodologia do grupo, todas as participantes evidenciaram satisfação com o funcionamento atual do mesmo. Como evidenciado nos seguintes

trechos: “Não tenho nenhuma sugestão, pois acho que o que fazem é eficaz e deve permanecer assim” (R.C.); “Pode continuar da mesma forma, pois está ótimo. Eu me sinto bem, e está ajudando todas nós a ver nossa vida de maneira diferente, melhor” (R.W.); “Acho que deve continuar da mesma forma, tudo é aprendido. Tudo que fazem no grupo me faz me sentir bem, todas me acolhem, me deixam confortável” (R.B.).

A partir das respostas acima, nota-se que a eficácia do grupo de reflexão é percebida pelas participantes e que o grupo atende seus objetivos de promover um local de trocas, de compartilhamento de vivências, de melhorias, bem-estar às participantes, vínculos saudáveis e empáticos, dentre outros objetivos que os grupos reflexivos visam alcançar (SILVA; TORMAN, 2018).

Durante as sessões, as participantes demonstram satisfação em estarem ali, além de gratidão para com as profissionais que dirigem o grupo.

A fala de V.S., transcrita a seguir, mostra a valorização ao grupo, e a mudança que o mesmo promove:

As metodologias são ótimas, permanecer nesse grupo tem me ajudado bastante. Eu não tinha ideia de como era e no começo estava em dúvida se entrava ou não, pois tinha medo de não me sentir à vontade. Mas ao contrário, me senti acolhida. Hoje me sinto uma nova mulher, apesar de cada dia ter que “derrubar um leão”, eu vou em frente, porque Deus e esse grupo me fortalecem.

A fala também demonstra suas expectativas para o futuro e sua forte espiritualidade, que está presente sempre em seus discursos e que vem a ser um ponto bastante positivo, pois a mesma é um dos recursos individuais estreitamente relacionados ao enfrentamento da violência doméstica (SOUZA; SILVA, 2019).

As respostas positivas de todas as participantes, demonstrando suas percepções de que o grupo tem grande importância no enfrentamento da violência doméstica para elas, demonstra a eficácia das técnicas utilizadas no grupo e no manejo das mediadoras. Esses pontos serão mais profundamente abordados a seguir, na entrevista com a psicóloga mediadora e a estagiária auxiliar.

## 2.2. Entrevista com a Psicóloga e Auxiliar

A entrevista com a psicóloga e a auxiliar foi composta de 4 perguntas que foram transformadas em tópicos e analisadas e discutidas a seguir, junto aos elementos colhidos a partir das observações realizadas pela pesquisadora, tal como feito na entrevista com as participantes.

### 2.2.1. Principais Técnicas Utilizadas no Grupo

Quando questionada a respeito das técnicas utilizadas no grupo, a psicóloga respondeu que a base do grupo reflexivo é a roda de conversa. Dentro da mesma

Elas (participantes) trazem as vivências delas nas questões de violência e nós (psicóloga e auxiliar) tentamos dar um retorno pontual, empoderando essa mulher para futuramente sair desse ciclo de violência e para que tome conhecimento disso, porque muitas delas nem se veem nessa situação.

A auxiliar, em uma resposta similar, ressaltou que no grupo são trabalhadas “primordialmente atividades que gerem reflexão”. “Procuramos nos moldar de acordo com as necessidades que percebemos em cada sessão, por isso, durante o grupo, não abrimos mão da escuta qualificada [...]”

A roda de conversa e as demais atividades que promovem reflexões são essenciais ao grupo, pois é quando as mediadoras dão um *feedback* pontual acerca da questão trazida pela participante, ressignificando sua fala, sua experiência. Isso vale, em especial, para as mulheres que ainda não perceberam que estão em um relacionamento violento, e que toleram a agressividade e justificam a violência como um ato que tem por objetivo educar, impor limites, demonstrar proteção, dentre outros (SOUZA; SILVA, 2019).

A psicóloga ainda citou mais técnicas utilizadas no grupo, como:

[...] Recurso audiovisual, psicodrama, dinâmicas de grupo, procuramos dinâmicas que se enquadrem nas demandas. [...] Também estamos trabalhando projetos de vida, onde trabalharemos com essa mulher o que ela vivenciou, onde ela está hoje e onde quer estar no seu futuro. Estamos iniciando esse método através da montagem de um livro onde elas possam se ver enquanto sujeito e trabalhar em cima da ressignificação do que já viveram.

O desenvolvimento de técnicas como dinâmicas de grupos e psicodrama oportunizam trabalhar e treinar inúmeras habilidades que as participantes necessitem desenvolver, tais como aceitação, escuta, como melhor se expressar, diminuir a timidez, aumentar a confiança e a empatia, traçar metas para o futuro, ressignificar vivências, este último acontecendo principalmente quando se trata do psicodrama, onde são utilizadas técnicas como o *roleplay* (GATTAI, 2019).

O CREAM tem parceria com o Centro de Educação Tecnológica do Amazonas (CETAM), e juntos promovem cursos profissionalizantes gratuitos para as mulheres que são atendidas no Centro. Essa iniciativa proporciona um aumento na qualificação profissional das mulheres, facilitando sua entrada no mercado de trabalho, e possibilitando sua independência financeira (GOMES, et al. 2012).

### 2.2.2. Compreensão da Importância do Grupo

Quando questionada sobre como compreende a importância do grupo para as mulheres que participam, a psicóloga ressaltou o compartilhamento das vivências como um dos principais aspectos; em sua fala:

[...] é entender que existem mulheres que vivem retratos bem parecidos. Esse compartilhamento da dor, digamos assim... Porque muitas dessas mulheres não falam o que elas vivem para a família. Nós temos algumas assistidas que a família não sabe da magnitude da violência que elas estão passando ou já passaram. E através desse compartilhamento elas são capazes de ressignificar suas experiências [...]

A escuta e a fala dentro da psicologia são reconhecidamente instrumentos que permitem ao paciente se expressar sem ser julgado, sem que seja cobrado do mesmo qualquer tipo de coerência, e que se sinta acolhido em sua dor. Instrumentos que se provam eficazes em mais de uma abordagem e em mais de um contexto (FOCHESATTO, 2011; SILVA; SAMICO, 2020; ELIAS;

VERAS, 2008). A escuta e a fala também possibilitam que o paciente concatene ideias abstratas, e, a partir das pontuações do terapeuta – neste caso, as mediadoras –, ele pode vir a ter compreensões diferentes dessas ideias e memórias, ressignificando-as e, conseqüentemente, atribuindo novas emoções e sentimentos a elas (FOCHESATTO, 2011).

Quando feita a mesma pergunta à estagiária que auxilia na mediação do grupo, a resposta abrangeu situações técnicas e também pessoais. Como exemplificado a seguir:

A primeira percepção que eu tenho sobre o grupo, da importância dele, é que elas veem como um local seguro. Eu acho que elas viram o extremo do que é não se sentir segura, que é a violência na própria casa. E no grupo elas se sentem seguras, onde elas podem falar o que sentem e compreender melhor tudo que elas passaram, sem tanta culpa e sem tanta dor[...]

Colocando em pauta a visão empática e holística que ambas as mediadoras possuem do grupo, pode-se afirmar que essa postura é fundamental para que o mesmo tenha bons resultados, pois o vínculo é mais facilmente criado. Algo que não é tão simples, pois essas mulheres, na grande parte das vezes, tiveram sua confiança abalada, já que foram violentadas dentro de seus próprios lares, pelos parceiros, que deveriam simbolizar lealdade, companheirismo e até mesmo proteção. A partir da criação do vínculo, abre-se um leque de novas vivências que podem ocorrer dentro do grupo, as mesmas pautadas em confiança, e que, por isso, terão significados mais profundos e transformadores (MAIA, 2017).

### 2.2.3. Papel Exercido pela Mediadora no Grupo

A psicóloga respondeu que o principal papel é a ressignificação. Em suas palavras, “Essa mulher me traz a dor e eu preciso transformar essa percepção e dar o retorno a ela”. Também pontuou sentir dificuldade para fazer isso, no sentido de ser um processo complexo e delicado:

[...] é um aspecto que eu sinto dificuldade porque a dor é muito subjetiva, então o que é dor para mim, talvez não seja para ela, o que é amor para mim, talvez não seja para ela, então eu acredito que o papel de mediadora é de empoderar, ressignificar, fazê-la refletir a respeito do que ela está passando [...]

Um outro aspecto que foi ressaltado pela psicóloga como sendo seu papel enquanto mediadora, foi a ação de sensibilizar as mulheres em relação à autoproteção, ao respeito que lhes é devido e a limites pessoais. Nesse ponto da entrevista, também pode ser percebido o envolvimento pessoal da psicóloga no sentido de demonstrar sororidade para com essas mulheres. Em sua fala: “[...] e eu faço isso (sensibilizá-las) não só como psicóloga, mas como mulher [...] Preciso trabalhar para protegê-las”. Essa visão de que esse é seu papel não só enquanto profissional, mas como mulher, reforça a resolução de trazer mais experiências positivas ao grupo e promover ações de autocuidado e segurança às participantes.

A mediadora auxiliar, ao responder a mesma pergunta, frisou em dois aspectos diferentes: o papel de instigar a reflexão e o empoderamento. Nas suas palavras:

Papel de instigadora desse processo reflexivo, da vivência delas como um todo. E também de propagadora da ideia de empoderamento, nós falamos muito

sobre isso. Eu acho que “empoderamento” é uma palavra muito abrangente para todos os processos específicos que fazemos no grupo. Fazer com que elas consigam ter forças para não voltar para esse ciclo de violência [...]

Sua fala vai ao encontro da resposta de algumas das participantes que, quando perguntadas acerca das mudanças que perceberam em si mesmas após a entrada do grupo, responderam que se sentem diferentes, conseguindo se impor em situações que causam desconforto, demonstrar suas vontades, falar quando estão insatisfeitas com algo, buscar maior independência, aumento na autoestima, dentre outros aspectos que correspondem ao conceito de empoderamento (CORNWALL, 2018).

Com relação a esse ponto, ficou claro que ambas as profissionais compreendem seus papéis dentro do grupo, o que é essencial, pois mediar o grupo não se trata somente das técnicas aplicadas, mas também de fatores como estabelecimento de vínculo e confiança com mulheres que já tem esses aspectos fragilizados, além do conhecimento acerca da conjuntura social e afetiva que permeia as relações e as torna machistas, dimensão essa que, como já visto, influencia diretamente na violência doméstica contra as mulheres (PURIFICAÇÃO, et al., 2017).

#### 2.2.4. Principal Objetivo do Grupo

A última pergunta da entrevista foi acerca do objetivo principal do grupo. Quando questionada, a psicóloga ressaltou de modo contundente que o principal objetivo é a quebra do ciclo de violência, e que as técnicas, o incentivo à autorreflexão, e todos os outros aspectos do grupo, são geridos para o alcance desse objetivo maior.

[...] Trazer a autorreflexão, autoconhecimento para que elas se vejam nessa situação e consigam quebrar esses relacionamentos abusivos e não só isso, mas para que generalize esse conhecimento para todos os outros relacionamentos de sua vida, para que não entrem mais em nenhum outro relacionamento abusivo.

A psicóloga demonstrou empenho para concretizar esse objetivo, e, durante às sessões, a pesquisadora pôde observar que essa quebra do ciclo de violência é colocada como meta primordial durante o grupo. Nas sessões, as mulheres, sempre que dão abertura em suas falas para isso, são sensibilizadas pelas mediadoras acerca do que se caracteriza como violência, sendo explicado de forma clara, os tipos de violências existentes. Assim como as maneiras que essas violências se manifestam, que são diversas, como: ataque à autoestima, xingamentos, dívidas no nome da mulher, forçar toques e quaisquer outros contatos físicos que não seja recíproco e bem-vindo, degradar a imagem na frente dos filhos, dentre outras muitas (SOUZA; SILVA, 2018).

A mediadora auxiliar teve uma resposta bastante semelhante à psicóloga, dizendo que o grupo tem como objetivo principal “[...] fazer com que elas tenham força para sair desse ciclo de violência e que possam identificar quando estiverem entrando em outro ciclo, conseguirem desenvolver essa percepção e autovalorização.”. As respostas consonantes mostram que ambas as mediadoras estão alinhadas com relação ao objetivo principal do grupo, e suas posturas, ao longo das observações feitas pela pesquisadora, demonstram que as mesmas possuem bons vínculos com as participantes, valorizando o trabalho que realizam no grupo e demonstrando grande empenho ao lutarem contra a violência doméstica junto às participantes, tomando um lugar nessa luta não só como profissionais, mas também enquanto mulheres que precisam de proteção e devem proteger umas às outras.

## CONCLUSÕES

A presente pesquisa permitiu a obtenção de informações reais, coletadas a partir de vivências diretas com as mulheres, acerca do impacto que o grupo de reflexão tem em suas vidas, sobre as mudanças que o grupo acarreta na percepção que elas possuem de si mesmas, de suas relações e do espaço que ocupam em uma sociedade machista. A partir disso, vale ressaltar que nem todas as participantes possuem um entendimento adequado do que é o machismo e do modo como ele interfere em suas relações: tornando-as agressivas e violentas.

Notou-se também que o grupo influencia positivamente a totalidade das participantes, auxiliando-as com estratégias de enfrentamento e objetivando primordialmente a quebra do ciclo de violência. As participantes percebem os impactos positivos do grupo de reflexão em suas vidas, que modificou não só o modo como agem em seus relacionamentos, mas a forma que se enxergam na sociedade. De modo geral, as mulheres chegam ao grupo assustadas, apresentando uma postura submissa, com baixa autoestima e muito pouca autonomia. E, a partir da abordagem utilizada no grupo, todos esses aspectos modificam-se, e as mulheres conseguem desenvolver suas potencialidades e passam a ter uma percepção positiva e empoderada de si mesmas e de suas relações, além de passarem a assumir um papel mais ativo em todos os contextos de suas vidas.

As profissionais mediadoras possuem ligações pessoais com o tema de que o grupo trata. Portanto, o vínculo criado com as mulheres é genuíno, acolhedor e protetivo, inspirando confiança e contribuindo grandemente nos efeitos terapêuticos do grupo.

A pesquisa abre possibilidades para futuras ações acerca de variações do tema, como por exemplo, um grupo que delibere acerca do machismo e do preconceito de gênero, com o fim de psicoeducar essas mulheres que, como visto nas entrevistas retratadas, não possuem conhecimentos profundos acerca do tema, algo necessário, já que suas vidas são diariamente impactadas por ele.

A partir disso, percebe-se ainda a premente necessidade de se iniciar mais grupos como esses na cidade de Manaus, tendo em vista a eficácia e o grande impacto positivo do grupo, percebida de modo geral pelas participantes, mediadoras e pela pesquisadora.

Além dessas ações, a presente pesquisa também possibilitou a percepção de que há uma carência de pesquisas e estudos científicos acerca das ações que ocorrem no CREAM. O que demonstra a abertura para investimentos em pesquisas no campo da violência doméstica, que, infelizmente, é a realidade de tantas mulheres e que se caracteriza como um problema de saúde pública e também de ordem social.

## REFERÊNCIAS

- BRASÍLIA, *Lei N° 11.340, de 7 de Agosto de 2006*. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher\_[2006]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm). Acesso em: 24 out. 2019.
- CORNWALL, A. Além do “Empoderamento Light”: empoderamento feminino, desenvolvimento neoliberal e justiça global. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 52, 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-83332018000100202&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332018000100202&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 10 nov. 2020. Epub 30-Nov-2018.
- CLARK, L. M.; SILVA, L. F. I.; ANDRADE, R. D. Violência psicológica contra a mulher. *Revista Eixos Tech*. V.5 n.2 2018. DOI: [10.18406/2359-1269](https://doi.org/10.18406/2359-1269) . Disponível em: <http://eixostech.pas.ifsulde-minas.edu.br>
- CUNHA, J. A. *Psicodiagnóstico* – V. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- DA SILVA, L. L.; COELHO, E. B. S.; DE CAPONI S. N. C. Violência silenciosa: violência psicológica como condição da violência física doméstica. *Interface*, Santa Catarina, v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007.
- ELIAS, G. G. P.; VERAS, M. O. Psicologia escolar: abrindo espaço para a fala, a escuta e o desenvolvimento interpessoal. *Revista da abordagem gestáltica: phenomenological studies*, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 182-189, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3577/357735511005.pdf>. Acesso em: 03 novembro 2020.
- FOCHESATTO, W. P. F. A cura pela fala. *Estud. psicanal.* Belo Horizonte, n. 36, p. 165-171, dez. 2011. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372011000300016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372011000300016&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 03 novembro 2020.
- GATTAI, M. C. P. *Dinâmicas de grupo: da teoria à prática*. São Paulo: Senac, 2019.
- GOMES, N. P. et al. Homens e mulheres em vivência de violência conjugal: características socioeconômicas. *Rev. Gaúcha Enferm.* Porto Alegre, v. 33, n. 2, p. 109-116, 2012. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1983-14472012000200016>.
- KNAKIEVICZ, T.; Empatia, percepção e inteligência. *Interparadigmas*. V. 2, n. 2, p. 83-101, 2014).
- MAIA, A. M. O atendimento em grupo operativo no CRAS: relato de uma experiência. *Vínculo: revista do NESME*, São Paulo, v. 14, n. 1, p.1-8, 2017.
- MATOS, M.; MACHADO, A. Violência doméstica: intervenção em grupo para mulheres vítimas. *Manual para profissionais*. Lisboa: Comissão para cidadania e igualdade de género, 2011.
- MELO, K. M. M.; MENTA, S. A. ROMPENDO COM O SILÊNCIO: A mulher em situação de violência doméstica e a caracterização de um serviço que compõe a “rota crítica”. *Caderno Espaço Feminino*, Minas Gerais, v. 26, n. 1 - Jan./Jun. 2013.
- MENEGHEL, et al. Repercussões da Lei Maria da Penha no enfrentamento da violência de gênero. *Ciência & saúde coletiva*. v. 18, n. 3, p. 691-700, 2013.
- MINAYO, M. C. S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Pesquisa Qualitativa*. São Paulo (SP), v. 5, n. 7, p. 01-12, abril. 2017.

MINAYO, M. C. S. Laços perigosos entre machismo e violência. *Ciência & saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 18-34, 2005

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NARVAZ, Martha Giudice e KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. *Psicologia & Sociedade*. 2006, v.18,n.1,p.49-55. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822006000100007>.

OLIVEIRA, Rosane Cristina; GOMES, Raphael Fernandes; VERAS, Herbert Soares. “Ele disse que me mataria...”: cultura machista, violência doméstica e impunidade. *Auditorium*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 44, p. 131-144, nov. 2018/fev. 2019. DOI: <https://doi.org/10.30749/2177-8337.v2n44p131-144>.

OLIVEIRA, T. L. Intervenção psicossocial com mulheres em situação de violência doméstica. In: 13º MUNDO DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11, 13., 2017, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: UFSC, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499259432\\_ARQUIVO\\_IntervencaoPsicossocialComMulheresEmSituacaoDeViolenciaDomestica.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499259432_ARQUIVO_IntervencaoPsicossocialComMulheresEmSituacaoDeViolenciaDomestica.pdf). Acesso em: 02 nov. 2020.

OLIVER, M. S.; LLANOS, L. T. D. L.; VALLEJO, R. R.; HERNÁNDEZ, A. I. *Palma*, Espanha, v. 32, n. 1, p. 57-63, 2014.

OPAS; OMS. *Folha informativa: violência contra as mulheres*. Brasília: OPAS Brasil, 2017.

ORLANDI, E. P., *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 5. ed. Campinas: 2005.

PARENTE, E. O.; NASCIMENTO, R. O.; VIEIRA, L. J. E. S. Enfrentamento da violência doméstica por um grupo de mulheres após a denúncia. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 17, n. 2, p. 445-465, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2009000200008>.

PURIFICAÇÃO, M. M., CATARINO E. M., SANTANA, M. L. S.; TEIXEIRA, F. (2017, set/dez) A violência contra a mulher numa perspectiva histórica: uma questão de gênero. *Revista eletrônica da FAINOR*, 10(3), 465-473

QUEM É MARIA DA PENHA. *INSTITUTO MARIA DA PENHA*, 2021. Disponível em: <https://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>. Acesso em: 02 maio 2021.

RAMOS, M. E.; OLTRAMARI, L. C. Atividade reflexiva com mulheres que sofreram violência doméstica. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 30, n. 2, p. 418-427, 2010. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932010000200015&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000200015&lng=en&nrm=iso). Acesso em 28 outubro 2020.

REGINATO, V.; BENEDETTO, M. A. C.; GALLIAN, D. M. C. Espiritualidade e saúde: uma experiência na graduação em medicina e enfermagem. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 237-255, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sip00100>.

SCARDUELI, Marcia Cristiane Nunes. Relações de gênero em campanha sobre a violência contra a mulher: submissão feminina mantida. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 4. 2012, Santa Catarina. *Anais: [...]*. Santa Catarina: Unisul, 2012)

SILVA, A. L. C. A.; SAMICO, F. C. Considerações sobre a importância da fala na psicanálise e sua afinidade com o programa de doze passos de Alcoólicos Anônimos. *Revista Mosaico*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 107-112, 2020. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/2284/1378>. Acesso em: 03 novembro 2020.



SILVA, Denise Regina Quaresma de; TORMAN, Ronalisa. “Em briga de marido e mulher”, metemos a colher: grupos terapêuticos com mulheres em situação de vulnerabilidade e violência de gênero. *Gênero e Direito*, Paraíba, v. 7, n. 3, p. 22-42, 2018.

SILVA, E. L. M.; BOVOLINI, T. T.; SARDINHA, L. S.; LEMOS, V. A. Um olhar da Psicologia sobre a autoestima de mulheres vítimas de violência doméstica. *Diálogos interdisciplinares*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 34-44, 2019.

SOUZA, M. B.; SILVA, M. F. S. Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. *Pensando fam.*, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 153-166, jun. 2019. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 02 novembro 2020.

SOUZA, M. B.; SILVA, M. S.; ABREU, G. S. Violência doméstica entre parceiros íntimos: questões culturais e sociais acerca dos homens autores de violência. *Revista multidisciplinar e de Psicologia*. V. 11, n. 38, p. 388-407, 2017.

SOUZA, M. K. G.; SILVA, Q. M. C. Mulheres brasileiras: um estudo da violência doméstica e suas tipologias. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 6; ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL, 13., 2018, *Vitória Anais [...]*. Vitória: UFES, 2018.

SULSBACH, P. A. A resiliência das mulheres que sofreram violência doméstica: uma revisão. *Rev. Inter. Interdisc.* Florianópolis, vol. 15, n 1, p. 111-129, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/interthesis/article/view/1807-1384.2018v15n1p111/35888>. Acesso em: 02 nov 2020.

TIBURI, Marcia. *Feminismo em comum*. 14a. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

WOLFF, C. S.; SALDANHA, R. A. Gênero, sexo, sexualidades: categorias do debate contemporâneo. *Retratos da escola*, Brasília, v. 9, n. 16, p. 29-46, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://www.esforce.org.br>> Acesso em: 21 outubro 2020.

WOLFF, T. C. A LUTA POR SORORIDADE: União feminina e uma experiência militante na palhaçaria. *Arte da Cena*, v. 6, n. 1, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/61179/35170>. Acesso em: 01 nov. 2020.

